

Dona Rubene e sua habilidade de fazer arte com as mãos

Nos anos 60, na comunidade de Itapicuru, município baiano de Dom Basílio, a professora infantil Stela Caires Pereira da Silva e o agricultor familiar Zacarias Herculano da Silva se casaram e começaram a construir a família. Tiveram 9 filhos e adotaram mais uma criança. Esta é história da primeira filha do casal, Rubene Caires Silva.

Ela ainda era pequena quando via o pai sair para a roça e a mãe para lecionar na escola da comunidade. Rubene passava as manhãs entre o cuidado com os irmãos e os estudos.

Todos os dias antes da mãe voltar para casa, Rubene já havia preparado o almoço (com o auxílio de uma vasilha de cereais que usava como banco para alcançar a boca do forno à lenha) e dado banho nos irmãos. Às vezes sobrava tempo e ela costurava alguma pecinha de roupa de crochê para suas bonecas.

No período da tarde era sua vez de ir a escola. Na comunidade não havia turma vespertina, por isso ela e um de seus irmãos caminhavam três quilômetros até a comunidade vizinha, Fazendinha, de segunda à sexta-feira.

Sempre muito estudiosa, fazia tudo o que podia para ser uma boa aluna. Seu dia preferido eram as sextas feiras, quando as professoras davam aula de religião e artesanato. Concluiu a 4ª série primária sem repetir de ano e saiu de lá com o diploma na mão, a cataquese concluída e uma das coisas que viria a lhe acompanhar por muitos anos: um forte tino artístico e criativo desenvolvido durante as aulas de artesanato.

A mãe gostava de bordar mas não tinha tempo para ensinar a filha, ainda por cima ciomava com as linhas e agulhas nas mãos da pequena. Todas as manhãs antes de sair de casa, Stela escondia pela casa uma agulha ali, um novelo acolá. Logo ficou evidente que Rubene era ótima em encontrar suas ferramentas tão preciosas e a mãe, sem opções, passou a dar de presente linhas e agulhas para a filha.

Rubene tinha 14 anos quando começou a ajudar a prima a dar a catequese aos domingos na igreja recém-construída na comunidade. Enquanto esperava a casa de Deus abrir as portas, sentava-se ao lado de uma senhora amiga de outros pontos e bordas e juntas crochavam ao pé da igreja até a hora de entrar.



Rubene e Mazinho no quintal da família

Rubene também gostava muito das flores, das plantas e do trabalho na roça. Ela ajudava seu pai no plantio do arroz, do feijão, das verduras e hortaliças. Às vezes faltava água para plantarem e ela ia trabalhar nas casas dos vizinhos: mudar cebolas, arrancar feijão, lavar roupas, cuidar de bebês recém nascidos; qualquer coisa para ajudar os pais com as despesas.

Com seus 16 anos, em um funeral de um tio na comunidade de Lençóis, Rubene conheceu o jovem agricultor José Maria Jonas, conhecido como Mazinho. Se gostaram de cara e poucos dias depois começaram a namorar.

No dia que conheceu os sogros, após uma breve confusão entre o apelido e o nome de José Maria, a mãe de Rubene desaprovou a relação e aconselhou a filha: "Homem com dois 2 nomes é confusão minha filha".

Contrariando as previsões maternas, Rubene e José seguiam firmes e se gostavam cada vez mais. Começaram a fazer planos de morar juntos, ela sempre escutava dizer que as moças para casarem deveriam ter o enxoval pronto e, que se não soubessem fazer um remendo em uma roupa velha ou fazer um coador de café não estariam prontas para o matrimônio. Se fosse por isso, Rubene e José já estavam mais do que prontos. Passados 3 anos de namoro se casaram, em outubro de 1980.

Em um terreno que José tinha em Lençóis, decidiram construir a casa que criariam seus filhos e em que vivem até os dias de hoje. Os filhos vieram: Rúbens, Rubenício, Núbia e Robson encheram o lar da família de alegria.

A renda vinha principalmente da agricultura. Eles plantavam muito milho, arroz, feijão e criavam gado, galinhas e porcos. De vez em quando ajudavam o pai de José em uma roça de coco perto dali. O trabalho era pesado mas faziam tudo juntos. Havia fartura na mesa, viviam felizes e criaram os quatro filhos sem passar necessidades.



Sapatos velhos se transformam em vasos

Quando as crianças já estavam crescidas, um imprevisto sacudiu a vida da família. O filho mais velho, Rúbens, que na altura era Agente Comunitário de Saúde no município, sofreu um acidente de automóvel e ficou gravemente ferido. A família fez de tudo para conseguir atendimento médico, porém a precária estrutura da saúde local acabou por ser fatal, desolando e revoltando a todos.

Buscando conforto em Deus, Rubene dispensou os calmantes prescritos pelo médico e preferiu fazer de seus bordados, artesanatos e o cuidado com as plantas sua terapia. A cada adorno, enfeite ou mudas prontas, a casa da família em luto ficava mais leve e mais bonita, cicatrizando as dores e angústias de todos.

Hoje em dia, Rubene e Mazinho vivem tranquilos em sua casa em Lençóis. Os filhos Rubenício e Robson são caminhoneiros e a filha Núbia é assistente social. Mazinho vende legumes, verduras e hortaliças em uma barraca na feira do município de Livramento de Nossa Senhora e Rubene se aposentou.

Com mais tempo livre para criar e recriar, Rubene caminha por seu quintal e pelas ruas de Lençóis com os olhos sempre atentos, buscando matéria-prima para seu artesanato. Por vezes, encontra algo largado em um canto ou atirado em uma lixeira e pensa: "Já sei o que vou fazer com isso, vai se transformar em uma coisa linda!".



Nas mãos dela, depois de alguns pontos de bordado um velho retalho se transforma em uma capa de almofada novinha em folha. Um antigo caderno de escola é matéria-prima para se fazer um lindo quadro que enfeita a parede antes branca. Filtros de café de papel são usados para dar um ar de 'envelhecido' aos moveis de casa. Uma cabaça quebrada ou um sapato velho vira um vaso para suas plantas. Nada é desperdiçado.



Rubene e parte de seu artesanato



O casal em sua casa em Lençóis